



DOI 00.0000/0000-0000.0000n00p00-00
Data de Recebimento: 09/11/2021
Data de Aprovação 04/04/2021

03

“Ela chegou lá!”: Percepções da
desigualdade social na mídia





“Ela chegou lá!”: Percepções da desigualdade social na mídia¹

“¡Lo consiguió!”: Percepciones de la desigualdad social en los medios

“She’s got there!”: Perceptions of social inequility in the media

JÚLIA MELLO SCHNORR²

Resumo: Este artigo tem como objetivo compreender como jovens de escola pública percebem a desigualdade social em mídias que noticiam o acesso à educação superior. Foram entrevistados 31 estudantes do 3º ano de uma escola pública de Brasília (Distrito Federal) por meio de um questionário e, posteriormente, realizamos entrevista semiestruturada com seis deles para aprofundamento. Percebe-se que há um alinhamento entre defender o esforço meritocrático e compreender a importância da tecnologia, por si, nos estudos. Quanto mais se prioriza a resposta do esforço individual, mais se acredita que a tecnologia seja protagonista nos estudos, sem grandes problematizações sociais.

Palavra-chave: Meritocracia; Mídia; Juventudes; Ações afirmativas.

¹ Parte desse artigo foi apresentado no Grupo de Trabalho Estudos de Recepção da Associação Latino-americana de Investigadores em Comunicação (ALAIC), em 2020.

² Professora de História, Mestra em Comunicação (UFSM) e doutoranda em Educação (UFSM), juliaschnorr@gmail.com

Resumen: Este artículo tiene como objetivo comprender cómo jóvenes de las escuelas públicas perciben la desigualdad social en los medios que informan sobre el acceso a la educación superior. Se entrevistó, mediante cuestionario, a 31 estudiantes de 3º año de una escuela pública de Brasília (Distrito Federal), y posteriormente se realizó una entrevista semiestructurada con seis de ellos. Se advierte que existe un alineamiento entre defender el esfuerzo meritocrático y comprender la importancia de la tecnología, per se, en los estudios. Cuanto más se prioriza la respuesta del esfuerzo individual, más se cree que la tecnología es protagonista en los estudios, sin mayores problemas.

Palabras clave: Meritocracia; Medios de comunicación; Jóvenes; Acciones afirmativas.

Abstract: This article aims to understand how young people from public schools perceive social inequality in media that report access to higher education. Thirty-one students from the 3rd year of a public school in Brasília (Federal District) were interviewed through a questionnaire, and, subsequently, we conducted a semi-structured interview with six of them. It is noticed that there is an alignment between defending the meritocratic effort and understanding the importance of technology, per se, in studies. The more the response of individual effort is prioritized, the more technology is believed to be a protagonist in studies, without major problems.

Keywords: Meritocracy; Media; Youths; Affirmative Actions.

Introdução

*“Muitas vezes você se vê esgotado e com vontade de desistir de tudo, mas sendo persistente **você chega lá**. É muito gratificante, entende?”³*

O depoimento apresentado acima instigou a construção do problema do artigo. A frase foi dita por um estudante de escola pública e de cursinho

³ Depoimento de estudante de Medicina da UnB proveniente de escola pública. Correio Braziliense, “Jovem recusa bolsa e passa na UnB com ensino público e cursinho grátis”, 13/01/2016.

pré-vestibular popular que ingressou no curso de Medicina da Universidade de Brasília (UnB). “Você chega lá” é uma expressão utilizada para afirmar que, com esforço individual e persistência, barreiras são atravessadas e há a conquista de seus anseios, como o acesso a um curso reconhecido socialmente como privilegiado, o que reflete o pensamento meritocrático difundido em nossa sociedade e na mídia. Afinal, como jovens de escola pública percebem essa desigualdade social em notícias sobre o acesso à educação superior?

A UnB teve uma atuação pioneira ao criar, em 2003, a política de ações afirmativas no Brasil, por meio da aprovação da reserva de vagas pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), inicialmente para pretos e pardos. Ao longo das duas últimas décadas, as cotas se tornaram “porta de entrada” da faculdade para estudantes que ingressaram também em cursos de alto reconhecimento social⁴, embora em menor número. Esse fato traz novas realidades para a vida acadêmica da instituição, formada tradicionalmente por pessoas que tiveram acesso privilegiado a um ensino básico focado no acesso à educação superior e a benefícios cultivados desde tenra idade, como autoconfiança, disciplina e tempo livre para estudos (SOUZA, 2012; 2014).

Os meios de comunicação têm o poder de pautar a agenda de discussões da nossa sociedade⁵. Em relação às ações afirmativas e ao acesso à educação superior, isso não é diferente. Daflorn e Feres (2012) estudaram a ação afirmativa no discurso da *Veja* que, de acordo com a literatura acadêmica, tem um forte viés político em sua cobertura. O trabalho teve como hipótese principal que a revista tem opinião contrária às cotas raciais. Os resultados indicam que, até 2003, a editoria não tinha posição consistente, mas que, a partir dessa data, tornou-se veemente-contrária, quando começou a utilizar o argumento de que a ação afirmativa feriria o mérito e a igualdade formal. A partir do ano de 2006, a revista passou a dar espaço a discursos que indicam que as cotas promovem a racialização e o conflito social no Brasil.

Bittar e Possenti (2016) realizaram uma análise de discurso de como a grande mídia elabora enunciados sobre cotas no Brasil. Um dos temas recorrentes é a meritocracia, utilizada para embasar posicionamentos con-

4 Cursos de alto reconhecimento social na UnB são os de Engenharias, Arquitetura, Odontologia, Direito e Medicina. São cursos que, tradicionalmente, se constroem como possibilidade para rendimentos futuros acima da média e que, portanto, têm a seleção concorrida, visto o grande número de interessados. São carreiras de difícil acesso, já que têm altas notas de corte, mas também com dificuldades na permanência, porque, normalmente, são cursos diurnos, o que exclui grande parte dos estudantes de baixa renda que necessitam estudar e trabalhar para auxiliar no sustento da casa.

5 Ver McCombs e Shaw (1972) e teoria do agendamento.

trários às cotas. De acordo com a pesquisa, a grande mídia impressa brasileira ajudou a difundir um ataque à política de cotas, ao “esquecer” dados e posicionamentos que são favoráveis à ação afirmativa. Dessa forma, ponderamos que o debate sobre o acesso de jovens cotistas ao ensino superior é divulgado pela mídia com a utilização do argumento do mérito individual, especialmente quando relacionado às cotas raciais, argumento que invisibiliza a desigualdade social (SOUZA, 2012; 2014).

Temos como hipótese a crença de que os jovens estudantes de escola pública, futuros beneficiários das ações afirmativas, têm, também, uma leitura meritocrática do acesso à educação superior, influenciados pela mediação familiar de esforço e trabalho duro. Essa defesa, no entanto, é velada, não é explícita. Também acreditamos, e essa é nossa segunda hipótese, que os jovens de escola pública constroem o capital informacional, que é um capital cultural ampliado (SETTON, 2015), o que reforça de forma simplificada o discurso meritocrático, já que, muitas vezes sem tanto tempo livre e sem uma escola preocupada com resultados no acesso à educação superior, “bastaria” que o jovem acessasse às tecnologias e estudasse para possibilitar, assim, uma mudança individual.

A pesquisa de campo exploratória foi escolhida por ter o objetivo de compreender a percepção dos jovens estudantes de escola pública sobre o acesso à educação superior e, para isso, foram utilizadas matérias jornalísticas. É também por meio dela que desejamos comprovar, rever ou ampliar as hipóteses construídas, a fim de produzir categorias conceituais que possam ser utilizadas em uma investigação futura⁶.

Após selecionarmos a escola, localizada na Asa Norte, no Distrito Federal, enviamos aos jovens do 3º ano do Ensino Médio um questionário⁷ com perguntas abertas e fechadas. Para responder algumas das questões do instrumento⁸, os jovens deveriam previamente assistir a duas reportagens que abordassem o acesso de estudantes cotistas à educação superior. O questionário foi utilizado para que pudéssemos encontrar jovens com distintas percepções sobre as mídias trabalhadas e que também refletissem distintas trajetórias familiares e individuais. Por isso, aprofundarmos as ques-

6 Este artigo é resultado da nossa primeira entrada em campo após o início do doutoramento.

7 Foi enviado, via WhatsApp, o link do formulário do Google a ser preenchido de forma voluntária por estudantes do 3º ano do Centro de Ensino Médio Paulo Freire, escola da rede pública de ensino do Distrito Federal. O questionário obteve 31 respostas.

8 Escolhemos, inicialmente, o questionário para que servisse como “porta de entrada” para conhecer os jovens. A ideia era já termos a sinalização da disponibilidade de participar da pesquisa, assim como uma prévia da relação deles com a mídia.

tões e balizarmos os resultados, entrevistamos seis estudantes que haviam respondido ao questionário.

A escolha dos estudantes para a entrevista semiestruturada se deu a partir de análise que fizemos da leitura da mídia dos jovens: hegemônico-dominante, negociada e opositiva (HALL, 2003)⁹. Chamamos de resistente a leitura que *discorda do discurso meritocrático apresentado pelas reportagens e faz críticas sociais*. Dominante ou hegemônico seria a leitura que *concorda com a apresentação da mídia sobre o acesso à educação superior por pessoas cotistas*, normalmente permeado pelo discurso hegemônico neoliberal meritocrático. Já a leitura negociada é aquela que *pode discordar e concordar em alguns pontos da representação midiática, mas não tece críticas sociais*.

Para a análise de dados, entendemos que os sujeitos não são meros receptores dos produtos midiáticos. Por isso, utilizaremos duas mediações do mapa proposto por Martín-Barbero (2009), *sociabilidade*¹⁰ e *ritualidade*. Sociabilidade dialoga com a inserção desse sujeito na sociedade, levando em considerações aspectos de pertencimento e de ser e estar no mundo, ou seja, sua posição no campo social (MARTÍN-BARBERO, 2009). Já ritualidade nos fala sobre a relação desse sujeito com as notícias jornalísticas, ou seja, o percurso escolhido para a leitura midiática (MARTÍN-BARBERO, 2009).

A intenção é relacionar esses conceitos com o capital cultural de Bourdieu (2007a; 2007b) e à leitura sobre a realidade brasileira produzida por Jessé Souza (2012; 2014), mas também ao capital cultural informacional apresentado por Setton (2005), que apresentaremos durante as análises. Para Martín-Barbero (2009), em especial, a sociabilidade relaciona-se com a teoria de Bourdieu. Quando falamos sobre capital cultural, entendemos que o capital simbólico dialoga com noções como agir, se posicionar no mundo e consumir tecnologias.

9 O modelo Codificação-Decodificação foi apresentado por Stuart Hall, na década de 1970, no ensaio *Encoding and decoding*. Sua importância está em mostrar as distintas leituras que os receptores têm do texto, ao fugirem dos preceitos funcionalistas da comunicação e frustrarem a intenção de ocorrer o circuito da comunicação, da produção à recepção, “sem falhas”. Nesse modelo, é apresentado o significado das mensagens como multirreferenciais, pois a leitura da mensagem depende da decodificação do receptor.

10 Encontramos, na literatura, os conceitos de sociabilidade e socialidade. Apoiados na obra seminal Dos meios às mediações, de Martín-Barbero (2009), utilizaremos o conceito de sociabilidade.

Apresentação das matérias jornalísticas

Ao analisar a produção jornalística sobre o acesso de cotistas em cursos de alto reconhecimento social, percebe-se que não há grandes problematizações sociais. As notícias selecionadas no *clipping*¹¹ trabalham especialmente o fato de o estudante pobre conseguir “driblar” as dificuldades para ocupar uma vaga na educação superior. No caso, a personagem de uma das matérias, Ritiéli, uma jovem com deficiência física e cotista, é uma estudante periférica que, sem ter acesso às tecnologias para estudar, muda-se para a casa do namorado a fim de ter internet. Já o outro estudante, George, é filho de um marceneiro e de uma costureira e não tinha recursos para pagar um curso preparatório. Contou, então, com o financiamento e apoio de um professor que concedeu uma bolsa integral de estudos em um curso preparatório.

Percebemos a lógica mercadológica nas duas matérias jornalísticas. O enfoque no esforço dos estudantes, sem ponderar ou citar a importância das políticas públicas, como as ações afirmativas – especialmente na fala dos repórteres –, nos levam a refletir sobre a influência do discurso hegemônico-dominante (HALL, 2003), que vê as conquistas de jovens de classes populares que ingressam em cursos concorridos por meio unicamente do merecimento individual. O mérito é um enredo amplamente utilizado em produtos midiáticos – em matérias noticiosas, reportagens, telenovelas ou livros. Esse discurso ameniza a desigualdade social e escolar, e coloca o sucesso ou o fracasso escolar como responsabilidade do próprio esforço do jovem (SOUZA, 2012; 2014).

O questionário

Aplicamos um questionário nos 3^{os} anos de uma escola pública do Distrito Federal e recebemos 31 respostas. Uma das questões

¹¹ Estudante de Medicina na UnB utilizou a internet da casa do namorado para estudar. Reportagem da TV Brasília, divulgada em 6 de março de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Fq-SaVVIU>>. (Acesso em: 10 ago. 2019.) Estudante de Medicina na UnB contou com o apoio de um cursinho preparatório para o vestibular da instituição. Reportagem da TV Brasília, divulgada em 18 de fevereiro de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Y90ksHAoLig>>. (Acesso em: 10 ago. 2019.) Estudante de Medicina na UnB relata rotina de estudos de 12 horas por dia. Reportagem da DF TV, divulgada em 29 de janeiro de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/01/29/universidade-existe-para-a-gente-tambem-diz-aluno-da-rede-publica-apos-3o-lugar-em-medicina-na-unb.ghtml>>. (Acesso em: 10 ago. 2019.)

do instrumento era a recepção de mídias televisivas sobre o acesso ao ensino superior por cotistas. Para isso, os jovens assistiram às matérias antes de responder a esse primeiro contato. O questionário teve como finalidade trabalhar a trajetória escolar e familiar dos jovens e, de antemão, dar possibilidade a eles para que entrassem em contato com a codificação midiática.

A maioria dos estudantes que respondeu o questionário é composta por mulheres e está dentro da idade escolar correta, pois não ocorreu grande discrepância de idade-série. De forma geral, há uma divisão igualitária¹² entre estudantes que moram em regiões com alto índice de concentração de renda, como Plano Piloto, e os que moram nas demais regiões administrativas, como Paranoá e Varjão. Os seus responsáveis, pai e mãe, têm pouca inserção no ensino superior, pois mais da metade (54,8%) não concluiu cursos em universidades. Apesar disso, os jovens entendem a importância de cursar uma universidade e, inclusive, alegam que estão no ensino médio com o objetivo de ingressar na educação superior. Para eles, a universidade representa a possibilidade de ampliar conhecimentos, ganho financeiro e realização pessoal ou familiar.

Os cursos almejados pelos estudantes variam entre aqueles de alto reconhecimento social, como Engenharia, Psicologia e Medicina, que são a minoria, e cursos mais acessíveis, como Ciências Sociais, História e Museologia. No entanto, quando demandados se os cursos pretendidos eram os que realmente foram a primeira escolha, menos da metade dos jovens alegou que era sua primeira opção. Do restante, metade afirmou que, na verdade, sua primeira opção era Medicina, mas que não tentará o ingresso, pois ou considera difícil o acesso ou não tem condições financeiras de pagar o curso em instituições particulares. O número de jovens que não tentará Medicina, embora seja a primeira opção, é expressivo e chega a um terço da amostra. A maioria dos estudantes afirma que, mesmo com as políticas de cotas, não é fácil ingressar em Medicina na UnB.

Os jovens alegam que usarão cotas para acessar a UnB, em especial as de escola pública e as étnico-raciais. No entanto, quando eles falam sobre o acesso à educação superior, antes de assistir às matérias que exaltam o poder individual, priorizam o mérito, como “quem

12 De acordo com os índices da Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan), Plano Piloto é uma região de alta renda; Sobradinho é de média alta renda; São Sebastião é de média baixa renda; e Itapoã, Paranoá e Varjão são de baixa renda.

se esforça e vai atrás mesmo com sua origem, cor ou raça, consegue ser o que quiser” e “aqueles que se empenharam muito e, mesmo sendo negros e de famílias mais humildes, conseguiram”. As ações afirmativas sequer são citadas.

Os jovens, após assistirem às reportagens selecionadas, afirmam que a abordagem da mídia é de um padrão de superação e de esforço. *“Como exemplos da meritocracia funcionando”*, pondera um jovem. Um jovem declara que a mídia superestimou o estudo a partir da tecnologia: *“eu acho que essas histórias foram contadas do jeito para mostrar que existem pessoas que conseguem ingressar numa universidade com o auxílio de tecnologias”*.

A partir da decodificação das notícias realizadas pelos jovens, convidamos seis jovens que tiveram, de acordo com Stuart Hall, as leituras dominantes, negociadas e opositivas de como a mídia abordou a meritocracia no acesso à educação superior. É a partir das entrevistas semiestruturadas que poderemos analisar a sociabilidade e a ritualidade nas leituras da mídia.

Ritualidade e sociabilidade: os diversos pertencimentos e os trajetos de leitura na percepção da meritocracia

A mediação da ritualidade, ou seja, os trajetos de leitura da televisão, passam, em grande parte dos entrevistados, pela presença familiar. A família, como assinalam Martín-Barbero (2002) e Stuart Hall (2003), é um exemplo de mediação que introduz novos sentidos e usos sociais dos meios para as leituras midiáticas dos sujeitos. A mediação da sociabilidade diz respeito, inclusive, ao pertencimento de classe e à importância da instituição familiar para a conformação das matrizes diversas de valores e de outras composições dos sujeitos. Sendo assim, percebemos que o momento de assistência do telejornal, para os nossos jovens, é realizado por iniciativa e com a presença de seus responsáveis. Mercúrio, por exemplo, uma de nossas entrevistadas, afirma que assiste ao telejornal sempre em família, momento em que seu pai comenta as notícias que auxiliam na conformação de seus posicionamentos.

Apresentamos, nos quadros a seguir, em sequência os perfis dos jovens entrevistados. Para compreender os trajetos de leitura do telejor-

nal, é importante entender a trajetória dos sujeitos, sua relação com o ensino, os diversos saberes construídos, as oportunidades de estudos e, em especial, a experiência familiar com a cultura letrada. Para isso, indagamos os estudantes sobre suas trajetórias escolares, a relação da família com os livros e as táticas utilizadas na hora de estudar.

Tabela 1 - Perfil básico dos estudantes

Nome fictício ¹³	Gênero	Local de residência	Mora com	Pais têm nível superior de ensino?	Prefere livro ou televisão?	Assiste telejornal com:
Vênus	Feminino	Itapoã (DF)	Mãe e irmão	Não	Livro	Mãe (pouco assiste)
Mercúrio	Feminino	Asa Norte (DF)	Mãe e pai	Mãe	TV	Mãe e pai
Saturno	Masculino	Granja do Torto (DF)	Mãe e pai	Pai	TV	Mãe e pai
Júpiter	Masculino	Asa Norte (DF)	Pai	Mãe e pai	TV	Pai
Urano	Masculino	Asa Norte (DF)	Pai	Mãe e pai	TV	Pai
Netuno	Masculino	São Sebastião (DF)	Mãe e irmãos	Não	TV	Mãe

Fonte: Autoria própria

É inegável que há um desprezo dos intelectuais pela televisão, ao mesmo tempo em que podemos afirmar que o capital cultural legítimo

13 Os nomes dos jovens foram trocados a fim de manter o anonimato. Nomes de planetas foram utilizados sómente para fins alegóricos.

e valorizado é o da cultura letrada. Sobre a preferência entre livro e televisão, Netuno e Urano comentam que têm dificuldades em ler livros, porque se dispersam facilmente. Souza (2014) diz que se concentrar em relação à cultura letrada, como na escola ou ao ler, é um aprendizado de classe, uma herança cultural. Saturno prefere a televisão, porque gosta de sua linguagem. Mercúrio acredita que assistir à televisão é uma forma de descansar a mente. Assim, percebemos a inserção da televisão como um dispositivo, mas também uma linguagem que aproxima os componentes familiares e é utilizada em momentos de lazer.

Tabela 2 - Perfil básico dos estudantes

Nome fictício	Fez estágio ou trabalhou durante o Ensino Médio	Fez cursinho preparatório para Enem, PAS ou vestibulares	Posição sobre cotas sociais e raciais, respectivamente	Vai utilizar cotas?
Vênus	Não	Sim, cursinho gratuito e popular	Favorável	Sim, escola pública e PPI
Mercúrio	Não	Não	Favorável e desfavorável	Não
Saturno	Não	Não	Favorável	Sim, escola pública e PPI
Júpiter	Sim, por um ano	Não	Favorável	Sim, escola pública
Urano	Não	Não	Favorável	Sim, escola pública e PPI
Netuno	Sim, todos os anos	Não	Favorável e desfavorável	Sim, escola pública e PPI

Fonte: Autoria própria

Bourdieu (2007a; 2007b) entende que o capital cultural é um investimento familiar. Custa tempo, é durável e, sendo um trabalho do sujeito sobre si mesmo, é um cultivar-se. A construção do capital cultural facilita o rendimento escolar por meio do entendimento dos códigos institucionais. Souza (2012) acredita que o tempo livre é o principal investimento dessas famílias nos jovens, visto que muitos filhos da classe trabalhadora precisam auxiliar na renda familiar e, por isso, realizam estágio ou trabalham. Cabe lembrar, também, que muitos jovens necessitam realizar as atividades domésticas ou cuidar dos irmãos menores e, por questões financeiras, não fazem cursos preparatórios para exames de acesso à educação superior. Dos jovens, somente Vénus fez parte, no último ano, de um curso gratuito e popular. O restante não frequentou cursos preparatórios.

Netuno, que é morador de São Sebastião, área que, de acordo com a Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan), é de média baixa renda, fez estágio durante os três anos do ensino médio. Em casa, auxilia financeiramente fornecendo o auxílio-alimentação para a mãe. Ele diz se sentir pouco confortável com o ambiente de estudo que tem em casa. Esse local fica no quarto que divide com o irmão mais novo que, na ausência da mãe, que trabalha em uma casa no Lago Sul, fica jogando *games* no quarto, o que atrapalha sua concentração. Por isso, Netuno, que quer cursar licenciatura em Biologia, costumava frequentar a UnB nos sábados à tarde, onde tinha acesso a livros que utilizava para estudar para o Programa de Avaliação Seriada (PAS/UnB) e encontra um ambiente adequado de estudo¹⁴.

Sobre exemplos de estudo e de trabalho, a falta, mais que a presença, se torna evidente na vida de Netuno. O jovem pondera que o maior exemplo de sucesso escolar em sua família é ele mesmo, “não tem mais ninguém”. Ele também afirma que não tem nenhum exemplo de sucesso de trabalho em sua família. O privilégio, para Souza (2014), é a apropriação de capital cultural altamente valorizado, como cursos e graduação. No entanto, esse capital cultural provém, também, da socialização familiar desde tenra idade, com a valorização da cultura letrada em vários aspectos. Essas heranças culturais, como autocontrole, disciplina, capacidade de concentração e pensamento prospectivo, são invisíveis, logo, naturalizadas e deixam a resposta do sucesso ao mérito do sujeito. Caso Netuno ingressasse ou não ingressasse na UnB, quem será o responsabilizado? Souza (2014) acredita que, enquanto a própria desigualdade social é invisibilizada, a construção social dos privilégios também o é, porque a lógica de sucesso recai para o sujeito.

14 A pesquisa foi realizada antes da pandemia da COVID-19.

Bourdieu (2007a; 2007b) entende que o capital cultural pode ser objetivado em suportes materiais, como livros, e é ativo quando utilizado como recurso nos campos da produção cultural. É perceptível que Júpiter, morador de Águas Claras, tem uma trajetória distinta dos demais jovens da amostra. Embora tenha sofrido um declínio econômico nos últimos anos, o que o fez estudar em escolas públicas, tem herança familiar com capital cultural e social consolidados. Seus familiares são bem posicionados socialmente e, em diversos casos, fizeram cursos de alto reconhecimento social em instituições públicas. Ele tem um “cantinho” para estudar, como ele mesmo chama. No notebook, assiste a séries e documentários, também acessa redes sociais. Na época da entrevista, por exemplo, Júpiter estava assistindo a um documentário sobre a África neocolonial. Ele tem uma biblioteca pessoal em casa, no seu próprio quarto, com livros clássicos de várias gerações. É o exemplo mais consolidado da amostra sobre o capital cultural de Bourdieu. Júpiter conta que muitos familiares frequentaram a universidade e que um tio, que fez a graduação na Universidade Federal da Bahia (UFBA), é uma influência. Sobre o sucesso no trabalho, Júpiter não demora a se lembrar de um tio, já falecido, que se formou na UnB em Engenharia Civil e trabalhou na área, com relativo sucesso.

Para a nossa análise, Setton (2005) contribui com o conceito de capital cultural ampliado, o capital informacional. Ela acredita que Pierre Bourdieu não levou em consideração a existência dos grupos populares na disputa pela cultura legítima. Dessa forma, haveria a procura de locais tradicionalmente não legítimos para aquisição de aprendizados não provenientes de escolas e museus. Setton (2005) chama de capital informacional o consumo de *best-sellers*, fascículos vendidos em bancas de jornais, revistas de segunda mão, a televisão e o rádio. Os exemplos dados por Setton (2005) estão datados e, hoje, esse consumo informacional se ampliou para outros dispositivos. Podemos incluir as vídeo-aulas e o acesso online a conteúdos na internet, questões que convergem com o pensamento de Martín-Barbero (2000) sobre uma nova experiência educativa afastada dos monopólios do saber de uma cultura local e letrada. Para Martín-Barbero e Rey (2004), inserir as mídias na construção do conhecimento é pensar outra cultura, outro modo de ver e de ler, aprender e conhecer. No contexto de acesso a várias tecnologias para estudo, é interessante pensar a socialização dos jovens com as mídias a partir desse enfoque.

Vênus é um exemplo de construção de capital informacional no sentido utilizado por Setton (2005). Ela tem uma mesinha no quarto em que dorme, com material para realizar resumos dos conteúdos e apostilas que foram doadas por clientes de sua mãe. *“Elas ficaram sabendo que eu estudo para o vestibular e deram o material.”* A estudante Vênus, que mora no Itapoã, considerado, pela Codeplan, como área de baixa renda, cursa um pré-vestibular gratuito e popular, o que considera bastante importante. Lá, conseguiu apostilas usadas com as obras obrigatórias do PAS/UnB e tem acesso às músicas que são abordadas nas provas da avaliação, em uma *playlist* no Spotify.

A mãe de Vênus é proprietária de uma clínica de cuidados estéticos há 10 anos. Mesmo que não queira ser *“a sua própria chefe”*, como a mãe, no futuro, por ver o quanto a mãe trabalha e tem responsabilidades importantes, ela é citada como o seu maior exemplo, porque sustenta três pessoas com o seu trabalho. Sobre o sucesso na vida escolar, seu maior exemplo é o irmão mais velho, que ingressou na UnB, no curso de Odontologia, por meio das cotas. Souza (2012) acredita que a transmissão de exemplos e valores do trabalho duro e continuado é típica do campo social que ele chama de os *batalhadores*. Para ele, a ética do trabalho e disposições como disciplina, planejamento para a vida e entendimento que o futuro, e não o eterno presente, são aprendidas em família. Para citar, como exemplo, Vênus relata que, apesar do relativo sucesso profissional da mãe, que era depiladora e se tornou a dona da clínica de depilação, eles raramente viajaram de férias. O entendimento da importância de ter uma poupança e a valorização cotidiana do trabalho são perceptíveis para toda a família, inclusive para Vênus.

Os estudantes entrevistados utilizam downloads de livros para estudo e lazer, normalmente *best-sellers*. Por exemplo, Netuno diz que, quando precisa, baixa no celular os livros de seu interesse. Eles também utilizam a internet para estudos, em sites como Google ou YouTube. Mercúrio procura na internet as obras cobradas pelas provas de acesso à educação superior, inclusive os livros em PDF, embora admita que não os leia na íntegra e se atenha às resenhas. Procura, também, análise de obras no YouTube: *“procurando ver vários professores sobre a mesma obra para ter visões diferentes”*. Dessa forma, os jovens constroem o seu capital cultural ampliado para além das formalidades escolares.

Percebe-se que a cultura legítima tem pouca entrada na vida das famílias dos entrevistados. A exceção é Júpiter, pois tem uma bibliote-

ca com livros que vão além dos *best-sellers* e, nos tempos de lazer e de descanso, somente ele afirma que gosta de ler. Ele é o único estudante que teve um estilo de vida diferente. A cultura de classe e a relação da família com a cultura letrada se consolidou.

Urano acredita que a maior inspiração de sucesso no trabalho são dois amigos, ambos na casa dos 30 anos. Um deles é coaching e o outro tem uma empresa própria. É em Urano que o discurso meritocrático e a leitura da mídia têm um referencial dominante. O jovem, que pretende cursar Medicina em uma faculdade particular, pensa que “*quem tá ali batalhando, tem que ter uma recompensa*”. Morador da Asa Norte, região de alta renda, o jovem quer ser o seu próprio chefe no futuro e não cogita estudar em uma faculdade pública. O jovem considera que ser um chefe “*é um dom, você nasce com ele. Tem que ter espírito de liderança, com visão de resultados*”. Sobre esforço e mérito, Urano afirma que pode não ficar rico, “*mas vai morrer tentando*”. Logo, é de se esperar que sua reconstrução da mídia também contemplasse a noção de mérito individual. Assim, caso fosse jornalista, o jovem contaria o ingresso de um cotista em Medicina por meio do esforço: “*ele venceu, afinal passou em Medicina e as pessoas olham diferente, é um status*”.

Mercúrio quer cursar Letras – Francês na UnB, embora afirme que “*não tem vontade de estudar lá*”, e diga que, já que o curso não é concorrido, não tentará o ingresso via cotas. A jovem gosta de assistir a vídeos sobre desenvolvimento pessoal, também produzidos por coachings, e acha interessante a ideia de ser a sua própria chefe: “*é uma liberdade a mais, escolher o que vou fazer, trabalhar com o que eu quero e empregar outras pessoas*”. Assim como Urano, Mercúrio dá importância ao mérito. A jovem acredita que, caso você se esforce, o resultado vem, pois “*é inevitável se você estar indo no caminho certo. Às vezes vão ter alguns problemas, empecilhos, mas quem quer, consegue*”. Quando colocada na posição de reconstrução da notícia, Mercúrio, que é desfavorável às políticas raciais nas ações afirmativas, “*porque hoje não está ocorrendo a escravidão e não acredito em compensação histórica*”, espera que não tenha cotas em 10 anos. Aceitando o desafio de fazer uma notícia sobre um jovem cotista que passa em Medicina na UnB, falaria sobre a “*participação da escola, o que a escola fez e o que o estudante fez por si mesmo*”.

O terceiro jovem com leitura dominante da mídia é Netuno, que quer estudar licenciatura em Biologia. Netuno, o único jovem da amostra que es-

tagiou durante todos os anos, acha interessante a ideia de ser o seu próprio chefe, embora não se veja na função. Ele acredita que o mérito é fundamental no sucesso escolar, “*eu acho que se manter o esforço em uma situação difícil você vai manter a vaga*”. Para a reconstrução da mídia, Netuno conta a história do cotista e colocaria os fatores que, em sua opinião, o levaram ao feito: “*esforço, inteligência, coisas de mérito, e depois falaria sobre as oportunidades que ela teve*”.

Vênus, a estudante que tentará Medicina por cotas de escola pública e também pelas cotas raciais, tem leitura negociada da mídia. Ela acredita que a meritocracia é algo muito pesado, pois as pessoas abrem mão de cuidar de si, porque precisam correr atrás de seus sonhos. Ao falar sobre a reconstrução da notícia, Vênus fala de Ritiéli também falando sobre si. Ela reflete sobre a sua vida. “*A mídia fala de forma irresponsável sobre quem conseguiu passar em Medicina.*” Caso fosse jornalista, Vênus contaria sobre os cursinhos populares: “*falaria sobre estudos em grupo, o que me ajuda muito. Eu falaria sobre cotas, sobre quem tem direito*”.

Saturno, que também quer estudar Medicina e tentará as mesmas cotas que Vênus, acredita que, às vezes, mesmo se esforçando, não é possível realizar seus sonhos. Ele, que tem leitura negociada, pensa que o cotista que passa em Medicina tem conhecimento prévio e é inteligente. O jovem afirma que retrataria os cotistas na mídia mostrando o fato de terem se esforçado e explicaria o sistema de cotas, porque “*estão mudando o perfil da UnB*”.

O único jovem da amostra que teve uma visão opositiva do discurso da mídia foi Júpiter, que quer ingressar no curso de Ciências Sociais. O estudante pensa que a mídia mostra o ingresso de cotistas em cursos de alta seletividade como um caso de esforço, “*como se todo mundo que se esforçasse, conseguisse chegar lá*”. Na reconstrução da mídia, ele falaria sobre esforço, mas priorizando que esse esforço real não deveria ser um requisito para passar em uma universidade pública. Júpiter afirma que “*a gente não consegue encarar a desigualdade no espelho, a gente culpa o mérito*”. Júpiter acredita que é fácil dizer que existe desigualdade social, porque as pessoas não se esforçaram. “*Por outro lado, é bom pensar que se a gente se esforçar, se concentrar no objetivo, vai chegar lá, mas não é bem assim.*”

Nossa hipótese inicial era de que os jovens constroem o capital informational, estudam com o auxílio de novas mídias, o que acaba reforçando o discurso meritocrático que afirma que, com esforço, há possibilidade de mudança social. Urano prefere estudar pelo material digital, porque, na in-

ternet, está concentrada a informação e há maior dinamismo. Ele acredita que é possível ingressar na educação superior somente com os estudos na internet. *“É igual a ‘no pain, no gain’. Sem dor, sem ganho.”* Mercúrio pondera que, às vezes, o conteúdo da internet é ruim. *“Às vezes, dá; às vezes, não dá.”* Netuno é da mesma opinião, pois diz que estudar sozinho é possível, mas não para a maioria. Já Júpiter, Saturno e Vênus são contrários à afirmação de que, estudando sozinho, consegue-se ingressar no ensino superior. Júpiter acredita que, mesmo com cotas, alguns cursos são concorridos. Saturno diz que há pessoas que querem muito, mas não têm acesso à tecnologia ou, às vezes, precisam trabalhar para auxiliar em casa. Vênus, para finalizar, diz que essa não é a realidade de todos: *“nem todo mundo pode correr atrás da mesma forma que você”*.

Assim, percebemos que três jovens problematizam a afirmação de que, estudando com a internet, se conquista uma vaga na educação superior. Esses são os três jovens que tiveram leitura da mídia negociada ou opositiva. Os outros três jovens, esses de leitura dominante, são totalmente ou parcialmente favoráveis à afirmação de que, caso você se esforce, tenha interesse e estude pela internet, os seus objetivos serão alcançados. Percebemos, dessa forma, que o alinhamento meritocrático do esforço na mídia está relacionado com sua própria percepção da importância das tecnologias no estudo para acesso à educação superior. No quadro a seguir, relacionamos a leitura da mídia com a importância dada às tecnologias no estudo.

Tabela 3 - Relação entre leitura da mídia e hipótese 1

Nome fictício	Leitura da mídia sobre meritocracia	Hipótese: importância da tecnologia nos estudos
Vênus	Negociada	Contrária
Mercúrio	Dominante	Favorável em partes

Saturno	Negociada	Contrário
Júpiter	Opositiva	Contrário
Urano	Dominante	Favorável
Netuno	Dominante	Favorável em partes

Fonte: Autoria própria

Tínhamos, como segunda hipótese inicial, a crença de que os jovens estudantes de escola pública, futuros beneficiários das ações afirmativas, tinham, também, uma leitura meritocrática do acesso à educação superior, influenciados pela mediação familiar de esforço e trabalho duro. Acreditávamos, no entanto, que essa defesa era velada, não explícita.

Os responsáveis de Netuno, Saturno, Mercúrio e Urano comentaram com os filhos sobre a presença árdua do trabalho em suas vidas. A mãe de Netuno, que sustenta os três filhos com seu trabalho como doméstica, diz para o filho que a motivação para o trabalho é o bem-estar deles. Saturno ouve dos pais, orgulhosos, que sempre tiveram a carteira assinada. Mercúrio diz que, para o pai, trabalhar significa trabalhar muito. Júpiter é o único que relata que seu pai tem um trabalho “leve” e que a mãe não trabalha, portanto, não ouve dizer que trabalham bastante, que estão cansados ou que sentem que o trabalho tem um aspecto moral positivo.

Entende-se, por meio dos instrumentos de pesquisa escolhidos, que Júpiter e Saturno fazem críticas à meritocracia. Saturno, por exemplo, diz que, mesmo trabalhando muito, seu pai não conseguiu aumento. Considera-se que Vênus, Saturno e Júpiter problematizam a informação de que o sucesso sempre vem quando se esforça. No entanto, por terem o exemplo, em casa, de trabalho duro e esforço, Vênus e Saturno corroboram a hipótese de que a mediação familiar importa na própria percepção de esforço, mesmo que de forma não explícita. Os jovens com leitura dominante, Mercúrio, Netuno e Urano, são favoráveis ao mérito, também por

influência dos responsáveis. Dessa forma, considera-se que a hipótese foi comprovada com os estudantes que detêm leitura dominante. No caso de dominância, a defesa elaborada é explícita; em leituras negociadas, ocorre de forma velada. Essa hipótese foi negada para Júpiter, que tem leitura opositiva da meritocracia na mídia.

Tabela 4 - Relação entre leitura da mídia e hipótese 2

Nome fictício	Leitura da mídia sobre meritocracia	Seus pais falam que trabalham muito	O sucesso vem com o esforço	Hipótese: influência familiar de trabalha para a visão meritocrática
Vênus	Negociada	Sim	Problematiza	Favorável em partes
Mercúrio	Dominante	Sim	Sim	Favorável
Saturno	Negociada	Sim	Problematiza	Favorável em partes
Júpiter	Oppositiva	Não	Problematiza	Contrário
Urano	Dominante	Sim	Sim	Favorável
Netuno	Dominante	Sim	Sim	Favorável

Fonte: Autoria própria

Conclusão

Afinal, como jovens de escola pública percebem a desigualdade social

em notícias sobre o acesso à educação superior? O problema de pesquisa apresentado na introdução nos levou ao diálogo com 31 jovens concluintes de uma escola pública do Distrito Federal por meio da assistência de matérias jornalísticas sobre cotistas que ingressaram em cursos de alto reconhecimento social. A partir da exposição de suas percepções sobre a desigualdade social na mídia e da análise do modelo de Codificação/Decodificação de Stuart Hall, escolhemos seis jovens com leitura dominante, negociada e opositiva. Então, analisamos suas ideias por meio de duas mediações de Martín-Barbero (2009), sociabilidade e ritualidade, para compreender os trajetos de leitura e o pertencimento dos jovens.

Martín-Barbero e Rey (2004) lembram que, ao assistirem televisão, os jovens estão interagindo com os adultos. Em especial, os jovens assistem ao telejornal na presença de seus responsáveis, por iniciativa desses últimos. As famílias dos jovens têm pouco contato com a cultura letrada. Somente um dos estudantes tem uma biblioteca com obras clássicas de diversas gerações. Júpiter, no caso, é um jovem com capital cultural consolidado, fruto de uma herança familiar com determinado capital social. A maioria dos jovens da amostra, no entanto, não tem trajetória familiar no mundo letrado. Por isso, trouxemos o conceito de capital cultural ampliado, proposto por Setton (2005), que nos auxiliou a analisar a trajetória dos estudantes com a construção do conhecimento, mas por meios informais, disponíveis, por exemplo, por meio das novas mídias.

Nossa hipótese inicial, a de que os jovens têm uma leitura meritocrática do acesso à educação superior, influenciados pela mediação familiar de esforço e trabalho duro, comprovou-se especialmente para os jovens com leitura dominante. Os jovens com leitura negociada entendem a importância do esforço, mas fazem a sua defesa de forma velada. Já o entendimento do jovem com leitura opositiva nega a veracidade dessa hipótese.

Nossa outra hipótese inicial era de que os jovens constroem o seu capital informacional, estudam com o auxílio de novas mídias, o que acaba reforçando o discurso meritocrático que afirma que, com esforço, há possibilidade de mudança social. Essa hipótese se comprovou em grande parte, visto que os jovens com leitura dominante da mídia sobre meritocracia dão importância ao protagonismo das tecnologias nos estudos. Já os jovens com leitura negociada ou opositiva problematizam a eficácia da tecnologia, por si, nos estudos para acesso à educação superior. Percebemos que há um alinhamento entre defender o esforço meritocrático e compreender a

importância da tecnologia, por si, nos estudos. Quanto mais se prioriza a resposta do esforço individual, mais se acredita que a tecnologia seja protagonista nos estudos, sem grandes problematizações.

Para futuras pesquisas, pretendemos analisar uma amostra maior de jovens e, especialmente, investigar vários grupos de jovens, provenientes de distintas regionais de ensino do Distrito Federal, como Santa Maria, Planaltina, Brazlândia e Paranoá.

Referências

- BITTAR, Ana Luiza; POSSENTI, Sírio. Discursos sobre cotas no Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 58, n. 1, p. 113-137, 2016. <https://doi.org/10.20396/cel.v58i1.8646157>
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre, RS: Zouk, 2011. 560p.
- _____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Orgs.). **Escritos de educação**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007a, p. 65-69.
- _____. O capital social – notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Orgs.). **Escritos de educação**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007b, p. 72-79.
- DAFLON, Verônica; FERES, João. Ação afirmativa na revista *Veja*: estratégias editoriais e o enquadramento do debate público. **Revista Compolítica**, n. 2, v. 2, p. 1-28, jul./dez. 2012. <https://doi.org/10.21878/compolitica.2012.2.2.31>
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 223p.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Oficio de cartógrafo**: travesías latino-americanas de la comunicación en la cultura. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2002. 483p.
- _____. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. 360p.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. **Os exercícios do ver**: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: SENAC São Paulo, 2004. 182p.
- SETTON, Maria da Graça. Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 90, p. 77-105, jan./abr. 2005. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000100004>
- SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. 404p.
- _____. A cegueira do debate brasileiro sobre as classes sociais. **Interesse Nacional**, ano 7, n. 27, p. 35-57. 2014.

Data do recebimento: 09/11/2021

Data da aprovação: 04/04/2022



